

mente por la poesía de José Coronel Urtecho.

Finalmente los dos restantes ensayos, "Introducción a la Antipoesía de Parra" y "La antipoesía y el vanguardismo", que conforman la parte más extensa (aunque no la más densa) del libro, se concentran, como sus títulos lo indican, en la obra de Nicanor Parra y en lo que ha significado su presencia en el contexto del Vanguardismo. Parte de una exploración de un tipo de poesía que vendría a constituir la corriente precursora de la antipoesía, para luego detenerse largamente en un análisis estilístico y temático de la obra de Parra. Su larga explicación intentará al final una serie de conjeturas e hipótesis en torno a la relación de la antipoesía con determinadas expresiones artísticas universales y continentales, y hasta proponer aportes inéditos en la poesía castellana que sólo se deberían a la irrupción de una poesía como la de Parra.

Aunque no es responsabilidad del autor, sino de quienes tuvieron a su cargo el trabajo editorial, debemos mencionar que la presentación gráfica de los textos acusa una cantidad realmente sorprendente de erratas que en muchos casos ponen en peligro el sentido correcto del discurso. Por lo demás, reafirmamos nuestra opinión inicial: *Del Vanguardismo a la Antipoesía* es un libro que da cuenta de un trabajo largamente elaborado acerca de un tema atractivo y de innegable vigencia.

Carlos L. Orihuela Espinoza
Universidad de Pittsburgh

Roberto Reis: *A Permanência do Círculo; Hierarquia no Romance Brasileiro*. Niterói, Universidade Federal Fluminense-EDUFF, 1987.

Antes de tudo, é um prazer ler o livro de Roberto Reis. *A Permanência do Círculo* pode ser lido pelos estudiosos de Literatura, ou pelos estudiosos de qualquer outra disciplina social, ou mesmo por leigos interessados em assuntos relativos ao desenvolvimento do Brasil enquanto entidade cultural. A prosa se desenvolve com facilidade e simplicidade; os assuntos são abordados com propriedade e elegância; o conhecimento da matéria é comprovado em análises certeiras e equilibradas.

Ao focalizar romances brasileiros escritos nos séculos XIX e XX, Roberto Reis não se prende a uma ótica meramente literária: ele vai além, cotizando as manifestações literárias com assuntos de pertinência histórica e social que lhes deram origem. Na apresentação do livro, Silviano Santiago nos alerta para o tipo de leitura que nos espera, quando diz que "[a] tese de Roberto é radical: a sociedade (nacionalista e progressista) descrita pelos romances brasileiros dos séculos XIX e XX não é ativada pelo não-conformismo, ou seja, por uma teoria ou uma práxis de tipo revolucionário." A partir dessa tomada de posição revolucionária, Roberto nos levará a uma re-visita à literatura brasileira, só que, dessa vez, essa re-visita não será feita a bordo do carro dos períodos literários, nos quais sempre couberam, por

exemplo, José de Alencar, Gonçalves Dias e Castro Alves sob a mesma denominação de "românticos". A viagem que Roberto nos proporcionará será feita a bordo de um meio de transporte ao mesmo tempo mais ágil e mais sofisticado, o qual permitirá ao mesmo tempo uma visão de conjunto, do alto, e uma olhada mais de perto no que se passa dentro de cada obra focalizada. Em *A Permanência do Círculo*, mais do que interessar-se pelo nome da escola a que um determinado autor pertence, Roberto traça as distinções de círculos: "O Estreito Círculo," "Os Círculos e a Roda," "O Círculo de Giz," e "O Círculo Fraturado," dentro dos quais ele agrupa obras produzidas em épocas diferentes levando em consideração como é feita a representação do sistema de poder.

Partindo da idéia que a maioria dos romances brasileiros trata de personagens e assuntos relacionados com as forças existentes no interior do círculo do poder patriarcal, Roberto adentra os emaranhados da escritura, buscando expor os pontos comuns em obras que, à primeira vista, pertencem a escolas e correntes diversas. No interior do "Estreito Círculo" encontra-se uma figura necessariamente masculina e autoritária. Ao seu redor gravitam a família e os "agregados", os quais formam a "roda". Do lado de fora estão os representantes da "nebulosa," cujos indivíduos aparecem na escritura como figuras de fundo -- são os escravos, os jagunços, as crianças e as mulheres.

Ao estudar as maneiras pelas

quais este "Estreito Círculo" mantém-se no poder, o autor demonstra como o emprego da violência em seus diversos aspectos está presente em muitos casos. A violência vai desde a maneira como os escravos são considerados, até em como a moral patriarcal masculina determina para as mulheres somente dois papéis na sociedade -- pureza (e consequente negação do prazer), ou luxúria (combinada com a inescapável marginalização e morte).

Quando fala do romance de 30 (e dos relacionados a ele), Roberto avança a tese de uma nova arma de manipulação: a escrita. Neste momento, ele está tratando do "Círculo Fraturado" -- o momento em que o centro do círculo do poder senhorial, ferido de morte pela nova ordem econômica, encontra-se quebrado e será invadido por personagens vindos da "nebulosa". A classe senhorial vai, então, tentar recuperar esse poder a nível da escritura e a nível de um espaço e tempo míticos, dando origem aos romances memorialistas do tipo de *Crônica da Casa Assassina*, *Opera dos Mortos*, e *Fogo Morto*.

A Permanência do Círculo vem a constituir-se em uma agradável visita à Literatura Brasileira. Aos interessados nessa empreita, aconselho munirem-se de farta aparelhagem de acampamento. Há momentos no livro que convidam a uma pausa mais demorada, a uma olhada mais cuidadosa a outros romances além dos analisados por Roberto. A tese do autor é, além de radical, provocativa: depois da leitura de *A Permanência do Círculo*, muitos serão os que ficarão

interessados em aplicar as mesmas distinções a outros exemplos tanto da nossa prosa de ficção como de outros tipos de escritura. Este livro consagra a entrada definitiva de Roberto Reis no grupo de intelectuais brasileiros de primeira categoria.

Eva Paulino Bueno
Universidad de Pittsburgh

Miguel Cabrera. *Milenaria luz. La poesía de Javier Sologuren*. Madrid, Ediciones del Tapir, 1988.

Concebido como una lectura personal hecha en público, este primer estudio crítico del poeta peruano Miguel Cabrera (1945) sobre la obra de Javier Sologuren (1921) resulta, en diversos sentidos, una introducción didáctica, pero al mismo tiempo incompleta y no siempre rigurosa. Para valorar los aportes de Cabrera como crítico, no es inútil trazar en breves líneas algunos rasgos importantes de la trayectoria de Sologuren: se trata de un autor que la retórica clasificadora ubica entre los llamados poetas del 50, vale decir, el grupo que inició sus publicaciones en los alrededores de ese año (unos antes, otros después), acusando haber asimilado algunos toques del simbolismo y el surrealismo franceses, por un lado, y de la temática social y hasta específicamente política, por otro. Esto, como se apunta líneas arriba, de acuerdo con lo que la retórica

clasificadora termina llamando "poetas puros" y "poetas sociales", dicotomía que de alguna manera abrió un debate sobre estilos y tendencias que, al fin y al cabo, terminó siendo superado por la introducción del "británico modo" en la poesía oficial peruana, vía poetas como Pablo Guevara (el único del "50" que prefirió ubicarse finalmente dentro de una poesía que trabaja con el discurso narrativo, la coloquialidad y el tratamiento de eventos antes que de imágenes), Antonio Cisneros, Rodolfo Hinostroza, Luis Hernández, Manuel Morales, Marco Marín y otros más, algunos años después, constituyéndose en la que luego sería llamada "generación del 60".

El empleo de una clasificación generacional en el circuito de la poesía oficial peruana es una práctica hasta hoy no cerrada por la facilidad operativa que ofrece: según el grupo en que se ubique a un poeta se puede determinar, en líneas generales, cual será el trasfondo literario o el centro de irradiación cultural (siempre en el hemisferio norte) al cual se adscribe. Pero sería injusto tomar demasiado en serio lo anterior: la persistencia en un trabajo solitario, honestamente realizado y que de alguna manera da cuenta de problemas que también son latinoamericanos, pese a su apariencia de hermetismo o de alejamiento con la realidad, son suficientes para valorar en sí mismo a cualquier autor.

La poesía de Sologuren es un buen ejemplo de ello, y desde ese punto de vista es que Cabrera lo